Ponto Urbe
Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

30 | 2022
Ponto Urbe 30 v.2

Locais desativados: ruínas, resistência e cuidado no final da primeira era nuclear

Leila Dawney, Aécio Amaral (tradutor) e Natanael de Alencar Santos (tradutor)

Edição electrónica
URL: https://journals.openedition.org/pontourbe/12573
DOI: 10.4000/pontourbe.12573
ISSN: 1981-3341

Editora
Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica
Leila Dawney, Aécio Amaral (tradutor) e Natanael de Alencar Santos (tradutor), «Locais desativados: ruínas, resistência e cuidado no final da primeira era nuclear», *Ponto Urbe* [Online], 30 | 2022, posto online no dia 28 dezembro 2022, consultado o 19 outubro 2023. URL: http://journals.openedition.org/pontourbe/12573 ; DOI: https://doi.org/10.4000/pontourbe.12573

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 de outubro de 2023.

Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

Locais desativados: ruínas, resistência e cuidado no final da primeira era nuclear

Leila Dawney, Aécio Amaral (tradutor) e Natanael de Alencar Santos (tradutor)

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em 30/08/2022 / Original Version 30/09/2022
Aceitação / Accepted 30/11/2022

NOTA DO AUTOR

Financiamento
Este artigo foi produzido com financiamento do Arts and Humanities Research Council (AHRC)
Agradecimentos
A autora cordialmente reconhece o apoio financeiro através do Arts and Humanities Research Council (AHRC) para realização do trabalho de campo (bolsa sob o registro AH/K006045/1). Agradece a Laurie Griffiths e Jonty Tacon por fornecer as fotografias, bem como pelas estimulantes discussões durante o trabalho de campo. Agradece ao público em Nova Orleans, Oxford e Brighton; ao editor e revisores; à Naomi Millner, cujos comentários melhoraram significativamente o artigo.
Disponibilidade dos dados
Os dados que embasam as análises deste estudo estão disponíveis com o autor e podem ser compartilhadas mediante adequada solicitação.

Introdução

1 Durante as décadas de 1970 e 1980, a usina nuclear Ignalina e sua cidade satélite Sniečkus (atual Visaginas) foram erigidas em uma área de floresta à borda de um lago. Utópica em sua ambição de articular espacialmente o ideal da vida socialista, a cidade foi construída por seus próprios moradores, os quais foram enviados para construir tanto a cidade quanto a usina e, fortuitamente, trabalhar na usina. Quando a Lituânia realizou o requerimento de entrada na União Europeia em 2004, uma das condições para seu status de país membro foi a desativação da usina de Ignalina. Cordeiros sacrificiais para a obtenção da cidadania europeia, os residentes da cidade perderam seu sustento, sua identidade e o esteio de sua comunidade em troca das vantagens econômicas da livre circulação do trabalho na União Europeia. O cheque-mate para a desativação de Ignalina é o seu retorno ao estágio de "Prado Verde" mediante o desmanche da usina e de seus reatores, da construção de repositórios de resíduos no subsolo e a restauração do ecossistema da região[1]. No meio da floresta, sem plano econômico alternativo para a cidade e seus moradores falantes nativos de russo, a vida em Visaginas existe como um resíduo da efemeridade dos grandes esquemas da modernidade e da primeira era nuclear, seus habitantes humanos vistos como relíquias de um outro tempo e de um outro mundo. A desativação começou em 2009 e continuará pelos próximos trinta anos. Desde o anúncio do encerramento da usina a cidade perdeu um terço de sua população e muitos prédios estão esvaziados, sem manutenção ou inacabados.

2 O prazer melancólico das ruínas modernas não é estranho aos geógrafos, seja por meio de atos performativos de reconstrução histórica (Brigstocke, 2016; DeSilvey, 2007; MacDonald, 2014), da invocação de presenças espectrais (Edensor, 2005; Hill, 2013) ou da reflexão sobre paisagens sublimes de processos pós-industriais de produção de ruínas (Swanton, 2012). Inclusive, na Geografia e suas disciplinas cognatas há um rico segmento de trabalhos sobre processos de produção de ruínas que ao mesmo tempo celebra e critica seu poder semiótico e afetivo, fornecendo um terreno fértil para fantasias introspectivas de autodestruição, finitude e perda melancólica. As lentes escópicas da ruína, como um modo especificamente moderno de visão e de engajamento, espreitam as geografias de espaços desindustrializados e abandonados. Ao reproduzirem fantasias coloniais e espectatoriais de observação imparcial, essas lentes contemplam as violências da vida antropocênica e o declínio da modernidade, ao passo que perpetuam temporalidades modernistas de progresso e declínio.

3 Ainda que as fantasias sobre ruínas sejam problematizadas em tais geografias de decadência, elas tendem a tomar as ruínas como inabitadas. Trabalhos recentes na Antropologia produziram mudanças de perspectiva em direção à habitação, indo além do olhar sobre as ruínas, convidando ao relato de histórias diferentes das narrativas abrangentes de progresso e das histórias melancólicas que as ruínas geralmente invocam. Anna Tsing, em particular, argumenta que as ruínas do capitalismo tardio oferecem um potencial para investigações acadêmicas de formas de vida emergentes: alianças e colaborações inter-espécies, bem como formas improvisadas de prosperar (Tsing, 2015). Esses movimentos são ecoados em críticas pós-coloniais da ruína, incluindo aquelas de Gaston Gordillo e Ann Laura Stoler, cujos trabalhos expõem violências coloniais que esmorecem perante as lentes das ruínas e chamam a atenção para a relação do processo de ruína com os projetos de Estado neoliberais e com o

capital pós-colonial (Gordillo, 2014; Stoler, 2013). Nessa via, as ruínas são repensadas como espaços habitados que reivindicam uma temporalidade pós-moderna, pós-humanista e pós-apocalíptica que permite reconhecer sobrevivências colaborativas e gerenciamentos de crises no presente que tornam possível viver com o caos do futuro (Wakefield, 2018; Wakefield & Braun, 2019). Esse movimento escatológico também encontra eco nos trabalhos de Berlant e Povinelli, que, ao teorizarem sobre os modos de experiência por meio dos quais populações dilapidadas por formas de poder biopolítico conseguem suportar e continuar vivendo, consideram as narrativas de progresso como insultos cruéis ou simplesmente inalcançáveis (Berlant, 2011; Povinelli, 2011).

4 Ao trazer esses habitantes de ruínas antropológicas para embasar a abordagem afetiva e espectral da ruína que caracteriza muito do campo da geografia cultural, e com base em um trabalho de campo colaborativo com dois fotógrafos em Visaginas, este artigo lida com o problema de pesquisar – e de representar visualmente – lugares em declínio. Ele visibiliza o duplo na nossa relação com essas lentes sobre os processos de ruína: ao nos encantarmos e ao nos afastarmos, conforme oscilamos entre *olhar para ela* e *habitar nela*. Essa compreensão reflexiva de nosso papel contaminado ao interpretarmos tais espaços nos permite ser enfeitiçados pelas grandes narrativas de húbris e declínio e também ver outras histórias - histórias de perseverança, de persistência, de vidas que se constroem mesmo na ausência de perspectivas de futuro[2]. Descrita por um dos participantes como "o lugar mais interessante e mais entediante do mundo", Visaginas é ao mesmo tempo um local espetacular para explorar o Antropoceno nuclear e também onde a mundanidade da vida de uma pequena cidade faz-se sentir.

5 Como este artigo demonstra, os vestígios materiais e subjetivos do passado nuclear e soviético de Visaginas não apenas assombram o presente, mas habilitam a emergência de formas de produção de mundo, através de apoio e ajuda mútuos, práticas de cuidado e formas não-capitalistas de trabalho e de troca, por exemplo. As ruínas da modernidade nuclear soviética, sua transformação e apagamento ainda em curso operam aqui como invólucros de práticas de vida no, com e por meio do declínio industrial. Além disso, as especificidades desse lugar e de sua história – o igualitarismo especial da cidade, o papel da administração estatal e local e as práticas de dever e cuidado de seus habitantes humanos – habilitam a emergência de formas de criatividade e de sustento que tornam as vidas vivíveis. Nesse contexto, é precisamente *por meio* dos destroços das materialidades e subjetividades soviéticas que uma forma de cuidado no presente, para o presente e pelos próximos é nutrida.

A construção de uma cidade

6 Sniečkus foi construída em área de floresta a partir do final da década de 1970. A cidade foi construída no formato de uma borboleta, com as principais vias arteriais passando pelas “asas” e pelo “corpo”, embora a súbita interrupção na edificação à época do colapso da União Soviética tenha tido como resultado que apenas três das quatro “asas” da borboleta fossem concluídas. O design do campus da cidade mantém o tráfego em seu nível mínimo e apartamentos, lugares de lazer e espaços comunitários são conectados através de caminhos de terra pela floresta (Imagem 1).

7 Visaginas está a duas horas de carro de Vilnius e a seis quilômetros da Usina Nuclear de Ignalina. É uma das muitas cidades socialistas planejadas construídas por toda a União Soviética. Elas eram principalmente cidades mono-industriais, construídas

próximas a fontes de energia nuclear, carvão e ferro (Cinis et al., 2008). Fundada em 1973, a usina de Ignalina deveria ser a maior da União Soviética e estaria à altura de fornecer energia às crescentes necessidades da região. Ela começou a operar em 1983. A construção de Sniečkus foi ordenada pelo Comitê de Energia Atômica da URRS e foi planejada pelos célebres arquitetos soviéticos Akulin e Belyi, que já haviam trabalhado em outras cidades atômicas, incluindo Sosnovyi Bor e Shevchenko.



Imagem 1. Trilhas que cortam a cidade. Foto: Griffiths and Tacon.

8 Tais cidades serviam a dois propósitos: moradia dos trabalhadores empregados nas operações industriais de larga escala e como uma vitrine do planejamento soviético e da boa vida que seria possível alcançar por meio da economia socialista, particularmente nas áreas mais ermas da União Soviética. Como tais, elas eram ao mesmo tempo projetos de engenharia social e meios de articular e fomentar espacialmente subjetividades socialistas (Cinis et al., 2008). Conforme o pesquisador de planejamento Jack C. Fisher discute, o planejador soviético era mobilizado pelo desejo de "expressar de forma tangível as aspirações filosóficas do marxismo-leninismo no tijolo e na argamassa de suas cidades" (Fisher, 1962, p. 252) por meio de uma padronização no tamanho e na qualidade dos espaços habitáveis e na densidade das casas, da provisão de infraestruturas e serviços tais como escolas e creches, bem como de espaços funcionais similares na vizinhança. Ao contrário de suas semelhantes empobrecidas em outras províncias periféricas, a cidade se beneficiou de uma linha de suprimentos direto de Moscou. A função da cidade de vitrine do socialismo era clara: na entrada de Visaginas encontrava-se o slogan "Nem todos podem viver tão generosamente: construir a cidade para a memória de seu povo" (Balockaite, 2012, p. 47). Com a disponibilidade imediata de comida fresca, espaços habitáveis, serviços e instalações bem planejados, curtas listas de espera para as unidades habitacionais e o ar limpo da floresta, em geral, os moradores de Sniečkus viveram uma boa vida[3]. Durante

seu apogeu, aqueles que viviam em Sniečkus eram a geração de ouro do sonho soviético. Os residentes de Sniečkus têm pouco contato com o resto da Lituânia e o russo era – e permanece – a *lingua franca*.

9 Durante o florescimento da cidade, trabalhadores foram enviados de outras partes da União Soviética. Físicos e engenheiros nucleares vieram de cidades próximas do norte e do leste da Rússia. Como pioneiros, eles acamparam perto do lago e se empenharam na construção da cidade enquanto esperavam por um apartamento. Eles se mudaram com suas famílias e, visto que casais geralmente se conheciam durante seus treinamentos ou períodos letivos, as escolas em particular possuíam um corpo de profissionais extremamente qualificado trabalhando lá. Era conhecida por ser uma cidade de e para pessoas bem educadas: uma escola técnica e de matemática preparava estudantes para trabalhar na usina (Šliavaitė, 2015).

10 Com suas florestas e lagos, clima ameno e alto padrão de habitação, a cidade era vista como uma espécie de "paraíso socialista" (Cinis et al., 2008). Sniečkus tinha a vantagem de ser semiaberta, ou seja, as pessoas podiam ir e vir mais livremente. A eletricidade era grátis, uma cortesia da usina, e a água quente era fornecida por imensas tubulações que conectavam a cidade à usina. O que a pesquisadora Gabrielle Hecht (2012) denomina "nuclearidade" da cidade era expresso materialmente por meio de: um mostrador indicando os níveis de radiação e a temperatura do ambiente em uma praça no meio da cidade; playgrounds infantis em formas de partículas atômicas; as icônicas chaminés de ventilação da usina são visíveis a quilômetros; e a onipresente tubulação que trazia a água que passava pelo processo de resfriamento para a cidade e que muitas vezes passa ao lado das estradas (Figura 2). Referindo-se a essa tubulação, um morador nos disse que "eles usavam nossos corpos para resfriar os reatores". As pessoas criadas na cidade lembram das sirenes, das perfuradoras e dos exercícios de simulação que praticavam como preparação para o pior. Os trabalhadores passavam o verão fazendo churrascos e relaxando no centro de treinamento da usina que ficava fora da cidade, na floresta. Havia um entrelaçamento entre corpos, cidade e usina, uma forma de urbanismo nuclear que celebrava a paz atômica através da ideia do *atomgrad* (Brown, 2013; Wendland, 2015)

11 Quando a União Soviética começou a colapsar, os trabalhos de construção da cidade e dos projetados terceiro e quarto reatores cessaram. Quando o fechamento da usina foi anunciado em 1999, a população de Visaginas caiu dramaticamente de 29.554 habitantes em 2001 para 22.091 em 2011 (Šliavaitė, 2015). Esse período foi descrito pelos entrevistados em termos de um trauma coletivo: um participante comparou a experiência de fechamento da usina a "perder uma mãe". Outros relataram a aflição de ver algo que você construiu ser desmontado; outros, a mudança do status de alguns poucos escolhidos para assentados indesejados, na medida em que a Lituânia ganhava independência da União Soviética e os falantes de russo de Visaginas experimentaram tensões e hostilidades étnicas. Muitos partiram de imediato, para oportunidades que surgiram em Londres, Berlim e Amsterdã. Outros ficaram tentando dar algum sentido ao seu status redefinido.

12 A desativação dos reatores RBMK-1500, de patente soviética, da Usina Nuclear de Ignalina segue até os dias de hoje, ao passo que as negociações a respeito da possibilidade de construir um novo reator como parte de uma infraestrutura báltica de energia integrada esmorecem e falham. Por anos, a cidade enfrentou incertezas sobre a possibilidade de construção de um novo reator – algo improvável hoje. Os modelos

antigos de reatores estão sendo gradualmente retirados de operação, e os espectros de Chernobyl e Fukushima continuam a rondar. Promessas de investimento em indústrias que capitalizariam as habilidades e expertises locais não chegaram a se materializar: a cidade foi sendo vista pelo Estado lituano como uma vergonhosa relíquia do passado soviético e de seu legado nuclear (Balockaite, 2012). Hoje em dia, muitos apartamentos estão vazios ou sequer foram concluídos. Ainda que a infraestrutura se mantenha, a cidade foi sendo desfeita discretamente, sem nenhum plano de recuperação, com alta porcentagem de desemprego e pouca manutenção nos prédios desde a época soviética. A cidade e a usina foram efetivamente desativadas. Desde o fechamento da usina, Visaginas passou por um processo de apagamento histórico e passou a ser esquecida nos discursos oficiais, primeiro em termos de sua herança nuclear e segundo no que diz respeito a sua associação com o regime soviético (Balockaite, 2012). Esse rearranjo espacial pelas autoridades locais – a cidade reimaginada como um lugar jovem, esportivo e cheio de natureza – não encaixa muito bem com os sentimentos pró-soviéticos e pró-nucleares de muitos de seus residentes[4]. Para muitos dos que vivem em Visaginas, isso é sentido como abandono.

Sendo contaminado

13 A pesquisa discutida neste artigo é parte de um projeto colaborativo com os fotógrafos Laurie Griffiths e Jonty Tacon e também com o Teatro Nacional de Drama da Lituânia. A colaboração lidou reflexivamente com os modos escópicos através dos quais os lugares em declínio são representados, explorando modos alternativos de representação que são sensíveis à continuidade de tais lugares. Dessa forma, o artigo se constitui a partir de uma linha emergente de trabalho na geografia cultural que busca ir além dos clichês da "contemplação de ruínas" (ver, por exemplo, DeSilvey, 2017; Gallagher, 2015; Lorimer & Murray, 2015). Ao combinar aproximações da geografia cultural com o trabalho de campo etnográfico, entrevistas narrativas, oficinas participativas de teatro e em contraste aos trabalhos acima mencionados, a pesquisa encara Visaginas como um espaço habitado e vivido, envolta em relações políticas e econômicas de transições pós-industrial e pós-socialista em curso. O projeto explora a relação entre os habitantes de Visaginas e a Usina Nuclear de Ignalina, suas respostas às mudanças estruturais e as formas de vidas através das quais eles suportam o que vêem como ausência de perspectivas de futuro (Lear, 2006). Nosso trabalho resultou em exposições fotográficas em Londres e Vilnius, bem como no livro fotográfico *Babochka*. O espetáculo "Prado Verde", do Teatro Nacional de Drama da Lituânia, foi uma produção de teatro documental que envolveu atores não-profissionais de Visaginas que dramatizaram histórias e experiências do fechamento da usina, realizando uma turnê pela Lituânia em 2017[5]. Nas três visitas de campo à cidade e à usina que fizemos, eu conduzi 18 entrevistas narrativas com moradores atuais de Visaginas, incluindo alguns da primeira geração de migrantes que construíram a cidade, seus filhos e netos, além de imigrantes mais recentes de outras partes da Lituânia. Também acompanhei os participantes do teatro em suas oficinas de processo criativo e colaborei com Griffiths e Tacon.



Imagem 2: Tubulação conectando a cidade e a usina. Foto: Griffiths and Tacon.

14 Eu comecei a fazer parte do projeto depois de encontros com Griffiths e Tacon, que contaram a história da ascensão e declínio da cidade. Entusiasmada, colaborei com eles em seu projeto fotográfico e escrevi ensaios para o catálogo de sua exposição. Durante nossas incursões na cidade, nos tornamos conscientes do quanto nossa própria compreensão da história da cidade era modulada pelo regime escópico da ruína e por narrativas de progresso e declínio[6]. Essa maneira de ver já estava tão entranhada em nós, estávamos tão fascinados com as maravilhas do brutalismo soviético – as ervas daninhas rompendo o concreto e o grafite em blocos de apartamentos concluídos pela metade – que compramos, de coração, todas aquelas narrativas dos contempladores de ruínas tão caras aos estudantes do pitoresco e aos *flâneurs* da cidade benjaminiana.

15 Nós nos autoavaliamos. Ao interrogar essas narrativas, ganhamos um entendimento mais profundo tanto do que nos encantava – e encantava aos outros – sobre o lugar e sobre o poderoso trabalho político que tais narrativas culturais fazem em obstruir outras histórias. Este artigo desvencilha-se dos grilhões sedutores do progresso e das narrativas das ruínas e emerge de nossa lida reflexiva com esses grilhões e do reconhecimento de nossas próprias histórias contaminadas[7]. As fotografias, todas tiradas por Griffiths e Tacon, trazem riqueza e profundidade aos argumentos adiante e ao mesmo tempo ilustram nossa oscilação dentro e fora dos regimes do espetacular e do mundano.

O problema das ruínas

16 Desde as primeiras articulações de *ruinenlust* no Renascimento, passando pelas paisagens pitorescas de Gilpin, as perambulações de Benjamin entre as ruínas recentes

em seu *Das passagens*, até as peregrinações melancólicas de Sebald pela costa leste da Inglaterra, há um prazer desconcertante na contemplação de ruínas (Benjamin, 1999; Dillon, 2014; Macaulay et al., 1967). Como o crítico Brian Dillon deixa claro, a ruína é, de várias formas, um "lembrete da realidade universal do colapso e da decomposição; um alerta que vem do passado sobre o destino da nossa ou de qualquer outra civilização; uma ideia de beleza que é sedutora exatamente por causa de suas falhas e imperfeições; o símbolo de um certo estado mental sinuoso ou melancólico; uma imagem de equilíbrio entre natureza e cultura (...) um *playground* desolado" (2014, p. 5). Para Benjamin, a ruína é uma alegoria para a destruição criativa do capitalismo e para as temporalidades que moldam a modernidade capitalista ao evocar a operação dual de progresso e declínio. Como tal, "superar o conceito de 'progresso' e superar o conceito de 'período de declínio' são dois lados de uma mesma moeda" (Benjamin, 1999, p. 460).

17 Na geografia cultural, a ruína torna-se um arquivo material e a fascinação dos modernos com a decadência e com a húbris do declínio encontra sua articulação em reconstruções sensíveis evocativas das vidas passadas e no relato de "pequenas histórias" (Lorimer, 2003). A narrativa de Fraser Macdonald sobre uma casa abandonada na ilha hébrida de Vallay e seus ocupantes de outrora, o cuidadoso estudo de Caitlin deSilvey de fragmentos materiais e apetrechos no que restou das propriedades rurais de Montana, bem como seu mais recente trabalho sobre a curadoria do declínio e, além destes, as recordações de Tim Edensor de vidas e formas de trabalho passadas através de suas perambulações por espaços desindustrializados no Reino Unido: todos exploram os potenciais arquivísticos de ambientes construídos dilapidados (DeSilvey, 2007, 2017; Edensor, 2005; MacDonald, 2014). Nesses casos, o geógrafo está em processo ativo de recuperação do passado (e, ao mesmo tempo, é assombrado por esse processo) através de uma implicação contínua com os materiais em declínio, em alguns casos permitindo que a matéria "fale de volta" (Lorimer & Murray, 2015, p. 58). As ruínas são lidas como espaços de melancolia, como paisagens espectrais através das quais as ausências podem ser re-presentificadas na medida em que passados imaginados/rememorados desdobram-se nas experiências do presente (Hill, 2013). Segundo discutem DeSilvey e Edensor (2013), o ressurgimento recente do interesse em ruínas, espaços abandonados e em declínio na geografia e disciplinas cognatas precisa ser lido no contexto dessa fascinação com o espectral e com a decadência, e eles alertam, com razão, contra a evocação da ruína.

18 A estética dos lugares pós-industriais, especificamente, alimenta imaginários bem ensaiados na esquerda política, tais como o da perda melancólica do trabalho industrializado e da figura do trabalhador proletário (Edensor, 2005; Strangleman, 2013). Nessa linha de exploração geográfica, a espectralidade, a matéria e a memória é que constituem os objetos de investigação em espaços desprovidos de ocupação humana contemporânea.

19 Em outras perspectivas das ciências sociais, o foco dessa preocupação com lugares pós-industriais tem recaído sob os efeitos materiais, sociais e psicológicos da desindustrialização em comunidades (Mah, 2012; Storm, 2014; Walkerdine & Jimenez, 2012). Apesar destes exemplos nuançados sobre os efeitos da desindustrialização, a pesquisa sobre tais lugares em declínio costuma focar na relação deles com o passado, mais do que em práticas do presente por meio das quais tais lugares são feitos e refeitos, e através dos quais seus moradores resistem a processos de arruinamento[8]. Em outras palavras, ainda que exista um trabalho rico e variado sobre lugares

desindustrializados, na geografia humana e outras disciplinas cognatas, nesses campos a ideia de temporalidade costuma focar no passado como uma característica definidora do presente, colocando o fim da história no momento da desindustrialização. Isso nos deixa com um impasse temporal com o qual não conseguimos mais imaginar um futuro fora do binarismo benjaminiano de progresso e declínio, no qual os futuros se "esgotam" (Brigstocke, 2016). Citando Patrick Keillor, deSilvey e Edensor afirmam que, na medida em que "(...) não temos mais o poder ou a energia de imaginar um mundo melhor, agora nós poetizamos a dilapidação" (DeSilvey & Edensor, 2013).

20 Os imaginários culturais a respeito de processos de ruína podem apagar vidas e trabalhos do presente, colocando firmemente aqueles que moram em tais espaços em uma relação com um passado e na condição de habitantes de um tempo sem futuro. Os contempladores de ruínas leem o espaço através do declínio material, deleitando-se na destruição criativa e na decomposição arquitetônica. Quando postos diante das lentes do "pornô da ruína" e da exploração urbana, os habitantes de tais espaços são ignorados e apagados, exoticizados como parte de espetáculos da desolação da modernidade ou incorporados em imaginários racializados que não levam em conta a visão e as reivindicações autóctones a respeito do lugar (Safransky, 2014). Ao discutir representações das paisagens pós-industriais de Detroit, Millington argumenta que as geografias imaginativas de declínio pitoresco e de saudosismo por um passado fordista são "(...) gestos de compaixão que, todavia, invisibilizam os residentes e colocam Detroit em um passado mítico ao invés de em um presente vívido" (Millington, 2013, pp. 279–280). De forma parecida, Dawdy discute as fantasias distópicas que pervadem as representações das ruínas modernas, argumentando que esses modos de enxergar "(...) fazem com que seus habitantes sejam reduzidos a mutantes ou espectros. (...) ao sermos complacentes com tais fantasias espectatoriais, nós, no melhor dos cenários, outrizamos e desumanizamos e, no pior, erradicamos os habitantes de espaços urbanos em decadência" (2010, p. 776).

21 Representar espaços desindustrializados é, portanto, essencialmente um gesto performativo, como Johannes Fabian e, mais recentemente, Elisabeth Povinelli deixam claro (Fabian, 1983; Povinelli, 2011). O texto antropológico seminal de Fabian, *Tempo e o outro*, argumenta que a emergência da Antropologia, fiando-se principalmente no evolucionismo social a partir do qual ganhou inicialmente sua autoridade disciplinar, é caracterizada pelo que ele chama de "negação da coetaneidade": "(...) uma tendência persistente e sistemática de colocar os referentes da Antropologia em um tempo outro que não o presente do produtor do discurso antropológico", o que, por sua vez, afeta como tanto as formas coloniais quanto descoloniais de poder têm se relacionado com os objetos da investigação antropológica (Fabian, 1983, p. 31; Said, 1978). Baseando-se nesse trabalho, Povinelli (2011) discute como regimes discursivos biopolíticos usam tempos linguísticos para retratar populações como anacrônicas, como se fossem finitas e, portanto, mais suscetíveis à morte. Segundo o argumento de Povinelli, por meio do uso desses tempos o discurso liberal tardio narra as vidas de seus outros como objetos sacrificiais cuja exterioridade aos modos de temporalidades dominantes justifica formas de modos biopolíticos de deixar morrer. Além disso, essas figurações temporais "(...) distraem o olhar de mundos sociais em potencial (...) [e da] possibilidade de entendimento desses espaços como mundos vividos" (Povinelli, 2011, p. 29–30), tendo como efeito uma produção contínua de ausência de perspectivas de futuros em espaços de abandono. Temos dificuldades para encontrar políticas de esperança e até conspiramos a favor desse movimento de produzir finitudes quando abraçamos tais

perspectivas. Em seu impulso de reportar-se ao passado e no seu foco no estético, as narrativas modernistas de progresso e declínio podem eclipsar os lugares desativados como espaços de resistência, como lugares onde se persiste, se vive na ruína e através dela. Essas lentes estão longe de ser neutras.

22 Lugares como Visaginas provam-se terrenos sedutores para pesquisadores atraídos pelos prazeres culposos da ruína. Visaginas é familiar a artistas, acadêmicos e flanadores que desejam experienciar em primeira mão os sonhos partidos da modernidade: seus blocos de apartamentos modernistas, concreto armado e estética nuclear clamam por certas formas de espectatorialismo ocidental. Na verdade, trata-se de um daqueles lugares "excessivamente pesquisados" através da evocação dos clichês sobre as ruínas do sublime tecnológico, da decadência urbana, do desmoronamento dos excessos do sonho soviético. Há certamente uma fixação estética com as ruínas do período soviético no Ocidente: um fascínio pelos vestígios das glórias passadas, as grandes narrativas, os sonhos atômicos (por exemplo, Hatherley, 2015). Paisagens nucleares como Visaginas facilmente alimentam as fantasias "*atompunk*" e reencenam as narrativas de arruinamento que se proliferam entre elas, oferecendo o encantamento sublime da infraestrutura de grande escala (Harvey & Knox, 2015) e uma reflexão sobre a húbris fáustica (Berman, 1983).

23 Ao chegar em Visaginas, nós também fomos seduzidos pelo concreto cheio de rachaduras, prédios construídos pela metade e a majestosidade de suas aspirações e de seu planejamento e estética nuclear. Caminhando pelo centro cultural, encontramos nosso primeiro informante. Imediatamente vistos como "turistas de ruínas" por causa de nossa semiótica de urbanidade hipster – roupas retrô, óculos, barba arrumada e equipamentos de câmera –, ele pergunta se gostaríamos de ver algumas "ruínas abandonadas bem legais". Ele se oferece para nos mostrar um prédio chamado "Suicídio", onde jovens vão para se divertir e beber. Outros participantes da pesquisa se opõem a essa visão da cidade: ao ver imagens de nossa primeira visita de campo, Sasha comentou sobre o enquadramento de contemplação diante das ruínas em algumas fotografias e sugeriu que nós estávamos fazendo a cidade parecer descuidada. Os fragmentos materiais de Visaginas, relatados por meio de tais narrativas de progresso, podem ser vistos em termos de uma triste história de abandono e declínio, de arruinamento e de destruição de vidas, esperanças e sonhos. E é claro, se procurarmos por essas histórias, podemos sempre encontrá-las (Imagem 3).

24 Passar algum tempo em Visaginas nos forçou tanto a confrontar como a nos desvencilhar dessas narrativas, conforme comprova uma comparação do trabalho feito nas visitas de campo subsequentes. Nossas lentes fotográficas, dramatúrgicas e etnográficas começaram, ao longo de nossas visitas, a distanciar-se das imagens e das histórias de arruinamento e ir em direção às pequenas histórias (Lorimer, 2003) e às colaborações criativas (Dwyer & Davies, 2009) que fornecem contra-conhecimentos e novas geografias de lugares desativados. Centramos no espetacular e no mundano como lugares onde as vidas passadas seguem vivendo no presente, mas também em como mundos são construídos através dessas formas de vida, prestando atenção naquilo que floresce nas rachaduras. A mudança fotográfica de imagens de infraestrutura em declínio para retratos íntimos acompanhou a mudança em nosso foco etnográfico, das histórias de perda e declínio para as histórias das práticas do presente.

25 Se lugares em declínio *convidam* a tais respostas espectatoriais de *voyeurs* ocidentais, assim como de acadêmicos, propiciando a confirmação benjaminiana da ruína do

capital que os críticos metropolitanos tanto anseiam, eles também proporcionam diferentes respostas a partir de um campo emergente de investigação que tem interrompido tal forma de contemplação distanciada, impulsionando uma crítica alojada nos mundos em ruínas ou frangalhos e que também os atravessa. Negar essa atração ou relacionar-se com ela de uma forma reflexivamente comprometida, é recusar a díade progresso-declínio da modernidade e coabitar espaços de vida e de persistência. Trabalhos antropológicos e críticos recentes têm proporcionado uma literatura rica comprometida com os espaços de ruínas nesses termos, oferecendo perspectivas que não apenas reconhecem a contemplação colonial implícita neles, mas também construindo argumentos que situam a ruína como um lugar de habitação, de florescimento de formas emergentes de vida e como um modo de compreensão de formas de viver em meio aos modos planetários de violência. Foi justamente em Detroit, esse apogeu do pornô de ruína, que os geógrafos urbanos e os ecologistas políticos prestaram atenção aos efeitos políticos da contemplação de ruínas, mudando o enfoque de suas lentes para as cidades como espaços vividos e implicando-se com seus habitantes como interlocutores, mais do que espetáculos (Fraser, 2018; Safransky, 2014, 2017). Ao fazer isso, eles valorizaram as ruínas como articulações espaciais de habitação e abandono em meio a processos econômicos e políticos, bem como sublinharam o trabalho político que as temporalidades de ruínas realizam em dar apoio à acumulação capitalista e à gentrificação verde.



Imagem 3: "Suicídio". Foto: Griffiths and Tacon.

26 Em *O cogumelo no fim do mundo*, Anna Tsing (2015) afirma que as histórias predominantemente contadas sobre tais lugares são histórias de progresso e decadência: histórias de abandono, exaustão de recursos, desmatamento, declínio industrial e comunidades dilapidadas. Mas, ela sugere, "(...) se terminarmos a história com decadência, nós abandonamos toda a esperança – ou dirigimos nossa atenção para

outros lugares de promessa e ruína, promessa e ruína" (Tsing, 2015, p. 18). Tsing nos encoraja a olhar além dessas narrativas e a considerar o que mais pode emergir em tais lugares, como cogumelos, por exemplo. Lugares mono-industriais como Visaginas produzem o "sonho da alienação", a transformação de pessoas e coisas em bens móveis, os quais podem ser abandonados quando o que existe de valor chega ao fim, deixando ruínas, marcas de uma pós-vida inevitável, saturando o mundo do capitalismo tardio (Tsing, 2015, p. 5). A proposta de Tsing é de considerar a ruína não apenas em termos daquilo que se foi, mas como um solo fértil de reprodução de formas de vidas emergentes e emaranhadas. Em sua etnografia multi-espécie, rastreando a tessitura material e econômica entre humanos e cogumelos *matsukake* nas paisagens arruinadas de uma antiga plantação, ela argumenta que o "(...) ímpeto [dos cogumelos] de emergir em paisagens arrasadas nos permite a exploração da ruína que se tornou nossa casa coletiva" (Tsing, 2015, p. 3), ainda que ela reconheça o quanto essas relações sociais emergentes são sempre parte do desenvolvimento capitalista e de projetos neoliberais.

27 Ann Stoler discute como as ruínas podem lançar alguma luz sobre como a violência imperial impacta mundos, buscando "(...) rastrear as sedimentações temporais desiguais nas quais as formações imperiais deixam suas marcas" e observando "como as ruínas dos impérios contornam e esculpem o espaço psíquico e material nos quais as pessoas vivem e o que camadas heterogêneas de destroços imperiais fazem com elas" (2013, p. 2). De forma similar, em sua etnografia dos processos colonial e capitalista nas montanhas da Cordilheira dos Andes, o antropólogo Gaston Gordillo escreve sobre ser "forçado a pensar contra as premissas que envolvem as ruínas e a decadência que domina o presente" (2014, p. 24). Seu conceito de "escombros", uma releitura pós-colonial sobre a ruína, implora que reconsideremos tais lugares como espaços de perseverança por intermédio de "multiplicidades fraturadas" e os escombros como recursos pragmáticos de habitação (2014, p. 2). Tal literatura aponta, por exemplo, para práticas de mineração urbana e jogos de rua como formas de existência selvagem (Chelcea, 2015; Wallsten et al., 2013). Embebidos como são em uma consciência quanto às formas de violência infligidas em uma terra arrasada, esses textos identificam um senso de existência naquilo que Braun e Wakefield descrevem como "condição *pós-apocaliptica*" (Braun e Wakefield, 2014) [grifo dos autores]. Ao situar o estudo das ruínas no interior de regimes de formas lentas e estruturais de violência planetária, esses trabalhos escapam da temporalidade linear de progresso/ruína característica da obsessão moderna com as ruínas, implicando-se, em seu lugar, com os fragmentos e processos materiais, levando em conta o valor-de-uso deles, bem como as temporalidades fraturadas e as histórias destrutivas às quais eles se referem. Seus olhares são pós-apocalípticos, ao invés de distópicos – uma temporalização escatológica dos lugares em ruínas que permite escapar das temporalidades do progresso e lidar com fins-do-mundo estilhaçados e sobrepostos.

28 Um segundo conjunto de literatura, proveniente da teoria crítica, tenta elucidar os modos de ser que são produzidos pelas condições biopolíticas do capitalismo tardio e da divisão de certas populações como abjetas e inúteis. Essa literatura indica formas de cooperar e viver com as condições do capitalismo tardio que são ao mesmo tempo fastidiosas, perturbadoras, debilitantes e ansiosas. Com essa finalidade, autoras como Lauren Berlant e Elisabeth Povinelli têm reformulado o estudo crítico da vida cotidiana, distanciando-se dos problemas da resistência e de práticas de liberdade, indo de encontro aos problemas da persistência e das formas de dissociação, atmosfera e

conexão que dão forma aos enfrentamentos diários envolvidos na manutenção da vida em condições de esgotamento. Berlant chama essas patologias contemporâneas do fluxo do liberalismo tardio de "crises corriqueiras" (2011, p. 10), argumentando que as transformações estruturais que ocorreram no final do século XX e no começo do século XXI começaram a remover as histórias que nos mantêm juntos, histórias de intimidade familiar, de empregos estáveis e de mobilidade social, levando à emergência do que ela chama de "esfera pública precária, um público íntimo de sujeitos que orbitam cenários de circunstancialidade íntima e econômica e permutam paradigmas de como viver e daquilo que se deve levar em consideração" (2011, p. 17).

29 Se Berlant aponta para as formas cruéis de otimismo e de conexão através das quais nós nos ligamos ao que resta de nossos mundos em frangalhos, Povinelli, por sua vez, fornece meios para se pensar sobre os projetos sociais e as formas de viver que podem emergir em zonas de abandono, perguntando-se "como novas formas de vida social suportam o esforço necessário para perseverar?" (2011, p. 9). O interesse dela incide sobre as novas formas de "sofrimento e de morte, persistência e perecimento que são corriqueiras, crônicas e desprezíveis – ao invés de catastróficas, saturadas de crise e sublimes" (2011, p. 132) –, maneiras de viver que são capazes de persistir de alguma forma, no interior de processos de abandono estatal ativo que recusa deixá-las se tornarem algo mais.

30 Essas pensadoras advogam um modelo de atenção para aquilo que se coloca diante de nós – um chamado para permanecer com o problema (Haraway, 2016), trabalhando no e em meio ao problema do presente, bem como apontam para as formas (geralmente problemáticas) em que mundos danificados são vividos. Em resposta a esses desafios, longe de poetizar a dilapidação, nós precisamos sentir a provocação da ruína, nos avaliarmos e permanecer abertos para esses espaços como lugares de persistência diante das conturbações do presente, bem como estabelecer novas maneiras de estar-em-relação, testemunhar o que excede a continuidade da vida apocalíptica (Ginn, 2015). Em outras palavras, mais do que abstrair os espaços pós-industriais do tempo, precisamos compreender como tais espaços emergem a partir de momentos específicos na modernidade tardia e são moldados por meio de processos políticos e econômicos contínuos. Conforme Abdumaliq Simone sugere, "nessas ruínas, pode estar acontecendo algo além de decadência" (2004, p. 407).

31 A seguir, segue uma série de pequenas histórias feitas em nosso trabalho de campo colaborativo em Visaginas. Essas histórias aludem a vidas que se tornaram possíveis de viver após a queda de grandes projetos da modernidade: os modos de sobrevivência criativa e colaborativa através dos quais aqueles que permaneceram em Visaginas (ou a ela retornaram) estão vivendo. Enriquecendo e dando vida às histórias no texto, estão retratos fotográficos realizados por Griffiths e Tacon. Algumas observações sobre resíduos materiais e subjetivos do sonho nuclear soviético e sua persistência no contexto de visões concorrentes na cidade, incluindo aquelas de empreendedores locais, oficiais do governo e aqueles responsáveis pelo processo de desativação acompanham esses pequenos textos e retratos fotográficos. Isso mostra o quanto tais reminiscências habilitam práticas de vida no presente, fornecendo as bases para formas emergentes de coletividade e colaboração. Os "escombros" do passado de Visaginas são incorporados em práticas de rememoração e reutilização que atuam a favor e contra sua definição como uma cidade sem futuro e os esforços oficiais para apagar sua história.

Pequenas histórias

32 Onde antes era um clube noturno em Visaginas, eu converso com Gyorgy e Ivan, que receberam de graça o espaço das autoridades locais, junto com seis amigos, para usarem como um estúdio de design. Subimos as escadas de mármore, passando por paredes de gesso deterioradas até um amplo espaço de concreto com caixas e caixotes como divisórias. Há um sistema de som portátil no canto e instalações de arte em alguns pontos. Nós nos divertimos, bebemos cerveja, jogamos tênis-de-mesa e Gyorgy e Ivan me contam sobre como Visaginas é especial. "Somos as últimas crianças da União Soviética", brincam. Eles nos convidam para passar o verão lá, fazendo churrasco e nadando no lago. Sentados com esses novos amigos, caminhando pela floresta e descansando no lago, nós vimos uma Visaginas muito diferente daquela que havíamos ouvido a respeito e que escolhemos procurar em nossa primeira visita à cidade. Começamos a perceber as formas de vida coletiva que emergem na ausência de direcionamentos vindos de cima, na pós-vida da modernidade progressiva.

33 Jelena me mostra seu apartamento. Ela está com quase 60 anos e vive sozinha. Na mesa, chá verde, biscoitos, bolo e café. Sua amiga de Moscou está de visita durante o fim de semana e planeja se mudar para a cidade. Na sacada, ela plantou tomate e abobrinha e quando as mudas estiverem maiores irá levá-las para a sua *datcha*[9] no fim do ano. Ela, e outros como ela, gostam dos modos informais de troca de alimentos plantados em casa e de comida caseira que acontecem nas *datchas*. Jelena foi administradora de sistemas da usina até o encerramento das atividades. Ela e seu marido (já falecido) trabalhavam na usina como programadores, vindos para Sniečkus de uma base atômica naval em 1983. Ela descreve a complexidade do trabalho deles, o ambiente de muita pressão, os altos níveis de cautela, atenção e de habilidade necessários. No desejo de manter o interesse e a participação na vida da cidade, ela gere uma assistência técnica de computadores e dá aulas, ensinando tecnologia da informação para pessoas mais velhas. Tablets, smartphones e laptops são doados por ex-moradores de Visaginas e Jelena, com seus colegas, os consertam, reformam e os distribuem para as pessoas que ainda permanecem na cidade (Imagem 4).



Imagem 4: Jelena. Foto: Griffiths and Tacon.

34 Encontramos Maria no centro cultural. Ela nos mostra o lugar e uma exibição de arte em que ela está trabalhando junto com alguns amigos de um grupo de pintura. Ela se mudou para Sniečkus em 1977, vinda de Tomsk-7 (Seversk), uma cidade fechada na Sibéria, e foi uma das primeiras assentadas na área, vivendo em um acampamento próximo ao lago, entre alces e corças, nos primeiros anos. Durante esse tempo, ela relembra, as pessoas ajudavam umas às outras, oferecendo banho, comida e apoio mútuo: construir a cidade era um empreendimento coletivo tanto no trabalho quanto na vida.

35 Em outra parte do centro cultural, Maria realizou a curadoria de um acervo de itens da cultura material báltica e soviética. Na sala eslava, estamos rodeados por bonecas, pendentes de parede, tecelagem, toalhas de mesa, artefatos religiosos, chifres de veados e xícaras de ovos. Na sala soviética, uma TV, alguns telefones, rádios e outros apetrechos. Maria posa para a foto em frente ao material que ela coletou. Ela nos conta sobre como os turistas que visitam o acervo sempre perguntam se os itens expostos estão à venda. Depois, ela nos mostra seu arquivo de fotografias da construção da cidade, compilado por seu marido. Nessas fotografias, a cidade se mistura à floresta, ao pântano, ao lago e as famílias fazem churrascos juntas nos bosques. Caminhamos para o estúdio anexo aos acervos, onde oito pessoas trabalham em pinturas em mesas, em um silêncio amistoso. Maria, além de arquivista amadora, coordena sessões de arte para os membros mais velhos da comunidade (Imagem 5).



Imagem 5: Maria. Foto: Griffiths and Tacon.

36 Nikolaj e Tatjana se conheceram em Volvograd no começo da década de 1980. Juntos, se alistaram no Komsomol (União da Juventude Comunista Leninista) e participaram em um projeto de construção nacional. Ao chegarem em Visaginas, o trabalho deles era ajudar a construir a cidade do zero, vivendo em um velho vagão perto do lago. Nos intervalos do trabalho, Nikolaj montou uma escola de remo e canoagem no lago. Durante a perestroika, tudo virou de "cabeça para baixo". Eles abriram uma loja e uma escola de línguas. Agora eles administram um pequeno hotel na cidade que acomoda muitos dos subcontratados europeus que vêm para trabalhar na desativação da usina. Nikolaj e eu descemos os degraus de sua casa até uma ampla garagem subterrânea. Está frio e ensolarado e a casa é rodeada por árvores. Na garagem há uma máquina que parece com uma mistura de bicicleta ergométrica e máquina de remo. Ele me fala do plano de criar um motor de tração humana, com base em sua expertise biomecânica, que usa todos os principais conjuntos musculares do corpo humano para gerar energia. À tarde, Nikolaj e Tatjana recepcionam um evento musical e nós os acompanhamos (Imagem 6).



Imagem 6: Nikolai. Foto: Griffiths and Tacon.

37 Encontramos Alex no centro cultural e ele nos leva para conhecer sua esposa e seu filho, ainda bebê. Ele está na casa dos 20 anos, anda descalço, não importa a estação do ano. Enquanto nos fazem panquecas, Alex nos mostra os catadores de sonhos que faz com objetos que encontra na floresta e também a sala do seu apartamento que funciona como seu ateliê. Ele nos fala sobre seu projeto com os jovens na cidade: ele trabalha meio período em um centro de juventude e quando não está trabalhando, ele e seus amigos criam jogos enormes e complexos de interpretação de ações ao vivo [*role playing game* em formato *live-action*] nos bosques, organiza corridas coletivas e produz trabalhos de arte. No tempo decorrido entre nossa segunda e terceira visita, Alex adquiriu os direitos de uso de um prédio de cinco andares na região central da cidade. Tomando por base ocupações artísticas que encontrou em viagens pela Europa, ele criou um espaço aberto para que jovens pudessem passar tempo e jogar jogos de tabuleiro, fazer músicas e se conhecer. Vários pequenos empreendimentos nascem dali. Mais tarde, ele nos mostra um lago onde as pessoas nadam. Nós caminhamos sobre pallets e por uma parte de terreno pantanoso para nos sentarmos à margem, assistindo ao reflexo dourado do topo das árvores no lago ao pôr do sol.

38 Os pais de Anastasia são ambos engenheiros. Assim como a maioria dos mais jovens, ela se mudou para algum outro lugar na União Europeia por um tempo, passando cinco anos no Reino Unido como estudante e como *Au Pair*. Conversamos no kitnet que ela mora com seu companheiro e sua filha. Estando na casa dos 20, ela cresceu com a ideia de que teria de deixar Visaginas, porém, assim como alguns amigos dela, ela voltou para trabalhar remotamente em uma companhia sediada no Reino Unido e também para começar um negócio na área de ecoturismo e bem-estar com seu companheiro. Para ela, Visaginas é acessível, lhe oferece uma semana de trabalho curta, tempo com a família e

para se dedicar a hobbies. A proximidade com a floresta e lagos é um dos principais motivos para permanecer aqui.

39 Essas histórias, de vidas banais e cotidianas numa pequena cidade, revelam que existe muito mais em cidades como Visaginas do que narrativas de progresso e ruína. Elas chamam atenção para as práticas do presente que tornam possível a permanência em meio ao declínio, que as mudanças sejam suportadas e que tornam as vidas vivíveis. O que fica explícito nessas histórias é um compromisso com a permanência, com o cuidado e apoio daqueles que permanecem e com a produção de mundos, particularmente a partir de práticas de produção, cultivo, jogos e cuidado. Ao passo que o Estado se descomprometeu em relação a este lugar, seus habitantes certamente estão dispostos a mantê-lo e a cuidá-lo. Se assim o é, então em que medida podemos atribuir essas formas emergentes de sociabilidade às especificidades da cidade em si? Em outras palavras, as reminiscências materiais propiciam a emergência de tais formas, e em caso afirmativo, como?

40 Uma das formas a partir das quais Visaginas enseja sociabilidade está em seu planejamento espacial. O tamanho uniforme das habitações, os espaços externos comuns, a abundância de espaços para jogos, esportes e recreação, bem como a facilidade de interação com o ambiente natural são comumente abordados. Muitos dos nossos interlocutores celebram a proximidade com a floresta e a abundância de frutas e cogumelos nas proximidades. O desenho aberto da cidade e a área verde são alguns dos principais motivos pelos quais as pessoas escolhem retornar e aqueles que o fazem geralmente valorizam mais esses elementos do que a ambição econômica. A uniformidade das moradias (de todos os blocos de apartamentos) limita a pressão para competir por escolhas habitacionais aspiracionais e a combinação da densidade populacional com área urbana verde e florestas ao redor proporciona sociabilidade e espaço aberto.

41 Ao perder o conteúdo aspiracional, a afluência econômica e a pronta viabilidade de modelos e possibilidades da boa vida que a estrutura de otimismo cruel aciona para conectar as pessoas, a posição econômica de Visaginas regula futuros para longe dessas seduções. Lugares em declínio são baratos: em Visaginas, é possível comprar um apartamento por oito mil euros e os aluguéis são baratos. O consumismo é mínimo e o isolamento da cidade, por causa de diferenças culturais e de linguagem, distância de outros lugares e isolamento econômico, significa que seus habitantes são menos atados àquelas fantasias de boa vida como uma vida de consumo. Aqueles que tinham idade suficiente para receber pensões da usina devido ao seu fechamento, mantêm-se com elas. Entre as gerações mais novas o desemprego é alto e o trabalho que existe é de meio período, precário e de baixa remuneração. No entanto, a ausência de necessidade de carros na cidade, a falta de lojas e restaurantes, de atividades econômicas informais e os baixos custos das propriedades e das terras, bem como o número desproporcionalmente alto de engenheiros com habilidades práticas significa que é possível viver uma vida decente com uma renda mínima.

42 A imersão no meio ambiente mostrou-se uma forte razão para ficar em Visaginas. Práticas de apanhar frutas silvestres e cogumelos, cultivar alimentos e jardinagem nas *datchas*, nadar no lago e brincar na floresta são atividades-chave por meio das quais aqueles que permaneceram articulam a sua conexão com o lugar. Essas práticas situam Visaginas como um lugar de abundância natural, onde é viável ter o tipo de vida e de convivência com outras espécies que seria difícil obter em outro lugar, bem como

fornecem uma contranarrativa para os seus moradores em relação à percepção que outros lituanos possuem dela como um ambiente tóxico. Conforme afirma Maria: "quando a usina estava em operação, nós não temíamos a radiação, não tínhamos medo de nada. Havia um sentimento de que aqui era mais limpo e seguro do que Moscou, onde você precisa viajar por horas de trem para pegar cogumelos. Aqui, você apenas vai lá fora, há um lago na frente de casa, centenas de metros e você pode nadar, pegar cogumelos, pegar frutas: como você pode dar as costas a esses luxos?". Ela fala de serviço, da responsabilidade de compartilhar conhecimentos e habilidades. "Não estou interessada em dinheiro, em estabilidade financeira". Na ausência de abundância econômica, o ar limpo, a água, as florestas, os animais selvagens e os jardins oferecem uma plenitude de habitabilidade para aqueles que moram na cidade, ao ponto de ser algo que eles valorizam acima de outras oportunidades.

43 Visaginas tem sido descrita como "o último bastião soviético da Lituânia" (Balockaite, 2012, p. 72). A cidadania e as subjetividades soviéticas induziram a fortes sensações de compromisso com o dever, o serviço e a pátria. A cidade, como outras que passam por transições pós-soviéticas, vê um deslocamento de uma existência segura, mas autoritária, onde a paralisia de escolha foi de certa forma erradicada e a existência era dependente de uma ideologia coletiva poderosa - deslocamento que se dá por meio de uma série de mudanças macro que possuem efeitos profundos na cidadania, na identidade, na economia e na vida social. Os vestígios do sonho soviético, fragmentos estilhaçados de uma narrativa mestre paternalista, vivem entre as pessoas e paisagens de Visaginas. A comunidade relativamente fechada e o seu status de enclave de falantes de língua russa, permite uma continuação das formas soviéticas de interação e apoio mútuo através, por exemplo, de clubes, associações e grupos.

44 Quando converso com aqueles que ainda vivem lá, eles invocam constantemente a ideia de pátria, articulando-a por meio de práticas de cuidado pelo que existe ao redor; um sentimento de responsabilidade diante de algo que é maior do que o self. Ainda assim, na ausência de Moscou, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a pátria se transforma em algo mais. Mischa, uma trabalhadora da usina, afirma como "na Rússia, nós somos lituanos; na Lituânia, somos russos; em Visaginas, somos visaginenses". Essa ligação com o lugar também está relacionada ao papel desempenhado por muitos moradores – e de seus parentes – na construção da cidade e essa história de trabalho e compromisso diante do projeto e sonho que levou à emergência da comunidade e da grande usina nuclear concede uma poderosa fonte de conexão com o lugar. Enquanto voltamos, após nadar no lago, Andrei me mostra uma fotografia em seu telefone. É um pôster do emblema da cidade, que mostra uma cegonha e um "átomo amigável", que era exibido nos tempos soviéticos. "Quando olho para isso, me sinto orgulhoso", ele diz.

45 Enquanto a usina é desativada, a cidade, com seus blocos de apartamento em concreto armado, sua floresta, casas de veraneio, crianças, álamos e lariços, incorpora algo em torno e pelo qual seus habitantes se aglutinam e diante do que dedicam tempo, amor e energia: a pátria cindida de si mesma, fragmentada e reformada em uma fundação autóctone sólida a partir da qual sua população emerge. Só que dessa vez, não há um plano-mestre, apenas pequenos atos de produção de mundo: presentear, ensinar, produzir, estar junto. Em outras palavras, as formas da subjetividade soviética como dever, serviço e identidade coletiva forneceram para aqueles em Visaginas as ferramentas para fazer uma forma particular de presente, um mundo que permite que muitos se mantenham firmes apesar das mudanças impostas. Maria comenta sobre seu

desejo de fazer o possível pelas pessoas que ficaram, de sua necessidade de deixar um legado de dedicação. “Minha geração fala primeiro sobre a pátria e depois sobre nós mesmos. É nosso modo de operação”, ela relata.

46 Na etnografia de Tsing a maioria dos asiáticos do leste entre os colhedores de cogumelos vivia fora dos regimes de Estado. Por meio de coleta de cogumelos por conta própria, vida ao ar livre e esquiva em relação à incorporação em regimes de governança, controle e exploração por empregadores a baixos salários, e do olhar dos guardas florestais do Estado, os coletores tomam parte em uma reconfiguração da vida e do trabalho que, ainda que no interior dos ciclos de exploração do capital, é experienciada como um tipo de liberdade. Também em Visaginas, dá-se uma reconfiguração do trabalho e da vida, porém viabilizada pelo Estado, através de empregos públicos, uma renda mínima através de um sistema de assistência, por meio de pensões relacionadas ao fechamento da usina e de uma economia de remessas efetivada graças às fronteiras abertas da União Europeia. Em outras palavras, aqueles que lapidam suas vidas nas ruínas nucleares de Visaginas o fazem *como um resultado da* intervenção estatal e do projeto neoliberal europeu; suas vidas são definidas por histórias, ainda em andamento, de relações com o Estado e o capital, ao passo que a vida dos apanhadores de cogumelos é definida por seu modo de se evadir em relação às normas estatais e do mercado.

47 Em Visaginas, uma confluência de abundâncias constitui as condições de possibilidade para formas afirmativas de construção de mundos que interrompem as narrativas de progresso: os valores acessíveis das moradias, a falta de regulação do espaço, a paisagem, a qualidade de vida na cidade, a subjetividade soviética residual e o cuidado pela pátria. Não apenas isso faz com que as pessoas sejam mais resilientes contra as mudanças impostas, mas também são fatores que contribuem para forjar novas (ainda que restritas) maneiras de ser em meio às ruínas dos grandes esquemas da modernidade.

Conclusão

48 Este artigo discutiu modos de relacionar-se com lugares de abandono ou lugares em declínio que os consideram não como objetos emblemáticos das devastações da modernidade, mas como invólucros de formas emergentes de habitação em um mundo danificado. Os modos dominantes por meios dos quais a Geografia Humana e suas disciplinas cognatas abordam lugares em declínios possuem um papel no regime espectatorial colonial e modernista e nas temporalidades de progresso e declínio. O foco na materialidade da ruína pode apagar da cena os habitantes do presente, ao passo que uma lente embaçada por perdas e finitude opera uma alteridade temporal. Ambos elidem o aspecto contínuo do presente, as formas como os habitantes de tais lugares atravessam ciclos de criação e destruição.

49 Geógrafos que trabalham em espaços desativados precisam estar alertas aos vieses da ruína e aos sonhos arrogantes da modernidade que os atrai em primeiro lugar – uma verdade geralmente difícil, mas que tem que ser reconhecida –, bem como que uma parte do que ainda resta daqueles sonhos está alojada no fluxo contínuo da vida das pessoas nesses lugares. Ao fazer isso, reconhecemos nossa cumplicidade na produção de tais regimes e as políticas de apagamento e negação às quais eles servem. Apenas olhando para o que há fora dessas temporalidades é que podemos ativamente

descolonizar os clichés da contemplação de ruína que atravessa a geografia cultural. Beneficiando-se de formulações de pensadores preocupados com o problema do presente e daqueles que oferecem contra-leituras de paisagens arruinadas, o artigo defende uma geografia dos espaços de abandono e de ruínas que presta a devida atenção às práticas inventivas, projetos estéticos e modos de cuidado, devoção e compromisso que seus habitantes trazem aos lugares que são "desativados" a partir de cima.

50 Sonhos de progresso – e seu necessário declínio – obscurecem outras histórias que interrompem essas narrativas. Aqueles que vivem em Visaginas estão construindo vidas para si mesmos e para cada um de maneiras diferentes. Eles cultivam frutas e vegetais em suas *datchas*. Estes fornecem terra para agricultura de pequena escala e para a troca do que é produzido, diminuindo a dependência da economia e do consumo capitalista. Eles se movem por entre a cidade e outras partes da Europa. Eles vendem artesanato, intercambiam habilidades, coletam na floresta, criam seus filhos. Na cidade, mundos estão sendo construídos e zelados em garagens e oficinas, nos playgrounds, nas pilhas arrumadas de folhas varridas, nos corredores impecáveis da usina, no laço de um lenço. Essa não é uma iconografia de abandono, de pessoas jogadas às traças. Ao contrário, interessam as práticas materiais por meio das quais as vidas são tornadas significativas e dignas de serem vividas e as formas através das quais essas vidas em espaços definidos por regimes de abandono encontram formas de persistir. Mesmo assim, essa não é uma história de redenção: esses "comuns latentes" (Tsing, 2015, p. 255) emergem de impulsos teimosos para persistir e reter formas, apesar dos processos que buscam redefinir, apagar e deixar morrer.

51 Ao invés de fazer reivindicações emblemáticas com respeito a lugares em declínio, interpretar Visaginas é, assim, prestar atenção em suas especificidades e criatividades autóctones. Que essas formas emergentes se combinem em uma forma de política, ou em novos padrões de feitura do mundo, parece improvável. É tarefa do crítico, ao se debruçar sobre tais espaços, perceber as micropolíticas da habitabilidade, realçá-las e aumentá-las; ativar suas criatividades nascentes e práticas de esperança no presente, sem recair nas armadilhas já bem conhecidas do romantismo e da pastoral pós-industrial; reconhecer e lutar pela persistência, e "iluminar as fissuras na economia política global" (Tsing, 2015, p. 4). Há poucas chances de um novo futuro nuclear para Visaginas. Os moradores da cidade desde muito desistiram dos mestres da infraestrutura cujo legado um dia se comprometeram a salvar, e não parece haver substituto para aquele sonho soviético. Porém, olhar além daquelas narrativas de progresso, ruína e declínio nos permite abrir espaço, dar visibilidade, às formas de vida que surgem em tais ruínas; aqueles sinais de vida e da formação de uma vida que aparecem do concreto rachado das avenidas de Visaginas, no clube noturno abandonado e no cinza do fim da primeira era nuclear.

BIBLIOGRAFIA

Balockaite, R. (2012). Coping with the unwanted past in planned socialist towns: Visaginas, Tychy, and Nowa Huta. Slovo, 24, 41–60.

Benjamin, W. (1999). The arcades project (H. Eiland & K. McLaughlin, Trans.). London, UK: Belknap Press.

Berlant, L. G. (2011). Cruel optimism. Durham, NC: Duke University Press.

Berman, M. (1983). All that is solid melts into air: The experience of modernity. Brooklyn, NY: Verso.

Braun, B., & Wakefield, S., (2014). Inhabiting the Postapocalyptic city, Society and Space.org, Retrieved from http://societyandspace.org/2014/02/11/inhabiting-the-postapocalyti

c-city-bruce-braun-and-stephanie-wakefield/

Brigstocke, J. (2016). Exhausted futures. GeoHumanities, 2, 92–101. https://doi.org/10.1080/2373566X.2016.1168192

Brown, K. L. (2013). Plutopia: Nuclear families, atomic cities, and the great Soviet and American plutonium disasters. New York, NY: Oxford, UK University Press.

Chelcea, L. (2015). Postindustrial ecologies: Industrial rubble, nature and the limits of representation. Parcours Anthropologiques, 10, 186–201.https://doi.org/10.4000/pa.448

Cinis, A., Drėmaitė, M., & Kalm, M. (2008). Perfect representations of Soviet planned space: Mono-industrial towns in the Soviet Baltic Republics in the 1950s–1980s. Scandinavian Journal of History, 33, 226–246. https://doi.org/10.1080/03468750802079409

Dawdy, S. L., Castañeda, Q. E., Crossland, Z., Fowles, S., Geismar, H., Holtorf, C., McGuire, R. H., Olivier, L., Shepherd, N., Wengrow, D., & Dawdy, S. L. (2010). Clockpunk anthropology and the ruins of modernity. Current Anthropology, 51, 761–793. https://doi.org/10.1086/657626

DeSilvey, C. (2007). Salvage memory: Constellating material histories on a hardscrabble homestead. Cultural Geographies, 14, 401–424. https://doi.org/10.1177/1474474007078206

DeSilvey, C. (2017). Curated decay: Heritage beyond saving. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.

DeSilvey, C., & Edensor, T. (2013). Reckoning with ruins. Progress in Human Geography, 37, 465–485. https://doi.org/10.1177/0309132512462271

Dillon, B. (2014). Ruin lust. London, UK: Tate Gallery Publishing.

Dwyer, C., & Davies, G. (2009). Qualitative methods III: Animating archives, artful interventions and online environments. Progress in Human Geography, 34, 88–97. https://doi.org/doi.org/10.1177/0309132508105005

Edensor, T. (2005). Industrial ruins: Spaces, aesthetics and materiality. Oxford, UK; New York, NY: Berg.

Fabian, J. (1983). Time and the other: How anthropology constructs its object. New York, NY: Columbia University Press.

Fisher, J. C. (1962). Planning the city of socialist man. Journal of the American Institute of Planners, 28, 251–265. https://doi.org/10.1080/01944366208979451

Fraser, E. (2018). Unbecoming place: Urban imaginaries in transition in Detroit. Cultural Geographies, 25, 441–458. https://doi.org/10.1177/1474474017748508

Gallagher, M. (2015). Sounding ruins: Reflections on the production of an 'audio drift'. Cultural Geographies, 22, 467–485. https://doi.org/10.1177/1474474014542745

Ginn, F. (2015). When horses won't eat: Apocalypse and the anthropocene. Annals of the Association of American Geographers, 105, 351–359. https://doi.org/10.1080/00045608.2014.988100

Gordillo, G. R. (2014). Rubble: The afterlife of destruction. Durham, NC: Duke University Press.

Haraway, D. J. (2016). Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene. Durham, NC: Duke University Press.

Haraway, D. J., & Randolf, L. M. (1997). Modest_witness@second_millennium:; femaleman_meets_oncomouse: feminism and technoscience. London, UK: Routledge.

Harvey, P., & Knox, H. (2015). Roads: An anthropology of infrastructure and expertise. Ithaca, NY: Cornell University Press.

Hatherley, O. (2015). The landscapes of Communism: A history through buildings. London, UK: Allen Lane.

Hecht, G. (2012). Being nuclear: Africans and the global uranium trade. Cambridge, MA: MIT Press.

Hill, L. (2013). Archaeologies and geographies of the post-industrial past: Landscape, memory and the spectral. Cultural Geographies, 20, 379–

396. https://doi.org/10.1177/1474474013480121

Jay, M. (1998). Scopic regimes of modernity. In H. Foster (Ed.), Vision and Visuality (pp. 3–23). Seattle, Washington D.C.: Bay Press.

Kitchin, R., O'Callaghan, C., & Gleeson, J. (2014). The new ruins of Ireland? Unfinished estates in the post-celtic tiger era. International Journal of Urban and Regional Research, 38, 1069–1080. https://doi.org/10.1111/1468-2427.12118

Lear, J. (2006). Radical hope: Ethics in the face of cultural devastation. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Lorimer, H. (2003). Telling small stories: Spaces of knowledge and the practice of geography. Transactions of the Institute of British Geographers, 28, 197–217. https://doi.org/10.1111/1475-5661.00087

Lorimer, H., & Murray, S. (2015). The ruin in question. Performance Research, 20, 58–66. https://doi.org/10.1080/13528165.2015.1049037

Macaulay, R., Beny, R., & Smith, C. B. (1967). Pleasure of ruins. London, UK: Thames and Hudson.

MacDonald, F. (2014). The ruins of Erskine Beveridge. Transactions of the Institute of British Geographers, 39, 477–489. https://doi.org/10.1111/tran.12042

Mah, A. (2012). Industrial ruination, community, and place: Landscapes and legacies of urban decline. Toronto, ON: University of Toronto Press.

Millington, N. (2013). Post-industrial imaginaries: Nature, representation and ruin in Detroit, Michigan. International Journal of Urban and Regional Research, 37, 279–296. https://doi.org/10.1111/j.1468-2427.2012.01206.x

O'Callaghan, C., Boyle, M., & Kitchin, R. (2014). Post-politics, crisis, and Ireland's 'ghost estates'. Political Geography, 42, 121–133. https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2014.07.006

Povinelli, E. A. (2011). Economies of abandonment: Social belonging and endurance in late liberalism. Durham, NC: Duke University Press.

Safransky, S. (2014). Greening the urban frontier: Race, property, and resettlement in Detroit. Geoforum, 56, 237–248. https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2014.06.003

Safransky, S. (2017). Rethinking land struggle in the postindustrial city. Antipode, 49, 1079–1100. https://doi.org/10.1111/anti.12225

Said, E. (1978). Orientalism. London, UK: Routledge and Kegan Paul.

Simone, A. (2004). People as infrastructure: Intersecting fragments in Johannesburg. Public Culture, 16, 407–429. https://doi.org/10.1215/08992363-16-3-407

Šliavaitė, K. (2015). 'Homeland is where everything is for the people': The rationale of belonging and citizenship in the context of social uncertainty. In I. H. Knudsen, & M. D. Frederiksen (Eds.), Ethnographies of grey zones in Eastern Europe: Relations, borders and invisibilities (pp. 107–122). New York, NY: Anthem Press.

Sorace, C., & Hurst, W. (2016). China's phantom urbanisation and the pathology of ghost cities. Journal of Contemporary Asia, 46, 304–322. https://doi.org/10.1080/00472336.2015.1115532

Stoler, A. L. (2013). Imperial debris: On ruins and ruination. Durham, NC: Duke University Press.

Storm, A. (2014). Post-industrial landscape scars. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan.

Strangleman, T. (2013). "Smokestack Nostalgia", "Ruin Porn" or working-class obituary: The role and meaning of deindustrial representation. International Labor and Working-Class History, 84, 23–37. https://doi.org/10.1017/S0147547913000239

Swanton, D. (2012). Afterimages of steel: Dortmund. Space and Culture, 15, 264–282. https://doi.org/10.1177/1206331212466088

Tsing, A. L. (2015). The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Wakefield, S. (2018). Infrastructures of liberal life: From modernity and progress to resilience and ruins. Geography Compass, 12, e12377. https://doi.org/10.1111/gec3.12377

Wakefield, S., & Braun, B. (2019). Oystertecture: Infrastructure, profanation and the sacred figure of the human. In K. Hetherington (Ed.), Infras tructure, environment, and life in the Anthropocene (pp. 193–215). Durham, NC: Duke University Press.

Walkerdine, V., & Jimenez, L. (2012). Gender, work and community after de-industrialisation: A psychosocial approach to affect. Basingstoke,

UK: Palgrave Macmillan.

Wallsten, B., Johansson, N., & Krook, J. (2013). A cable laid is a cable played: On the hibernation logic behind urban infrastructure mines. Journal of Urban Technology, 20, 85–103. https://doi.org/10.1080/10630732.2013.809222

Wendland, A. V. (2015). Inventing the atomograd. Nuclear urbanism as a way of life in Eastern Europe, 1970–2011. In T. F. L. G. Thomas

Bohn & A. Graf (Eds.), The impact of disaster: Social and cultural approaches to Fukushima and Chernobyl (pp. 261–287). Berlin, Germany: EB Publishers.

Woodworth, M. D., & Wallace, J. L. (2017). Seeing ghosts: Parsing China's “ghost city” controversy. Urban Geography, 38, 1270–1281. https://doi.org/10.1080/02723638.2017.1288009

NOTAS

1. “Prado Verde” é o nome dado ao processo de desativação de Ignalina pela Comissão Europeia: “a volta do lugar à natureza” pela demolição, o aterramento dos resíduos nucleares e o reflorestamento de espécies nativas.

2. Sobre práticas contaminadas, ver Haraway & Randolf, 1997.

3. Porém, havia diferenças nessa qualidade de vida entre quem trabalhava na usina ou não, em geral como um resultado de privilégios tais como vale-refeição dado aos trabalhadores nucleares e suas famílias.

4. Entrevistas com organizações de desenvolvimento econômico, gestores do governo local e políticos locais enfatizam esse imaginário emergente da cidade, que pode ser contrastado com a tristeza de outros entrevistados na medida em que aspectos da nuclearidade da cidade são removidos e substituídos.

5. As fotografias e os ensaios do projeto Babochka estão disponíveis em https://www.griffithstacon.com/ (acessado em agosto de 2019).

6. Para uma discussão sobre o termo “regime escópico”, ver Jay, 1998.

7. Histórias são sempre parciais, disputadas e fraturadas. A presente narrativa lê os relatos oferecidos pelos participantes através de, e em contraste entre uns e outros e difratados pelas lentes da teoria crítica e da teoria cultural.

8. Uma exceção recente a essas temporalidades binárias da modernidade, e uma contraposição útil às ruínas modernas, pode ser vista na atenção recente na Geografia às “ruínas” produzidas pelo capital hipermóvel e financeiro. Ver, por exemplo, Woodworth and Wallace (2017) e Sorace and Hurst (2016) sobre “cidades fantasmas” na China, e O'Callaghan et al. (2014) e Kitchin et al. (2014) sobre os sentidos simbólicos das “propriedades fantasmas” como resposta coletiva à crise financeira de 2008 na economia irlandesa pós-milagre econômico.

9. [Nota dos tradutores] Espécie de casa de campo ou de veraneio típica da Rússia e da ex-URSS. Em geral, ficam situadas à margem de rios ou lagos ou próximas a bosques ou regiões montanhosas.

RESUMOS

Este artigo advoga por uma geografia dos lugares desindustrializados como espaços de habitação e de persistência, ao invés de uma que se baseia em narrativas de progresso, declínio e ruína. Há muito as ruínas constituem uma questão para os geógrafos, embora as reminiscências materiais

dos grandes esquemas da modernidade acabem facilmente endossando formas de perceber e de compreender lugares desindustrializados ao ponto de apagarem as práticas através das quais vidas e mundos são construídos no presente. A partir de trabalho de campo realizado na cidade de Visaginas, ex-atomgrad soviética na Lituânia, o artigo tanto reconhece quanto resiste aos apelos da ruína. Afastando-se das temporalidades da ruína que implicam progresso e declínio, oferece uma análise das práticas e modos de habitação em cursos em lugares definidos pelo arruinamento. Uma compreensão reflexiva de nosso papel contaminado no processo de fazer sentido de tais lugares nos permite, ao mesmo tempo, tanto nos encantar pelas grandes narrativas de hubris e de declínio quanto ver outras histórias – histórias de perseverança, de persistência, de viver em lugares enquadrados como sem futuro por regimes políticos e econômicos. Nesse sentido, o artigo oferece uma geografia alternativa dos lugares que são descomissionados a partir de cima, atentando para o cuidado, compromissos, práticas criativas e projetos estéticos por meio das quais seus habitantes seguem vivendo. Engajando essa abordagem através de uma série de pequenas histórias baseadas em trabalho de campo etnográfico e colaborativo com dois fotógrafos em Visaginas, postulo que as reminiscências materiais e subjetivas dos sonhos da primeira era nuclear engendram formas emergentes de vida que excedem as narrativas de progresso e declínio. As ruínas da modernidade nuclear soviética operam aqui como recipientes para práticas de persistência e de perseverança em meio às mudanças de relações de poder e capital, ao invés de serem objetos de perda melancólica; e também como matérias-primas por meio das quais forjam-se novas formas de viver em espaços tidos como desnecessários.

ÍNDICE

Palavras-chave: persistência, lituânia, descomissionamento nuclear, fotografia, pós-industrial, ruínas

AUTORES

LEILA DAWNEY

Professora da Faculdade de Ciências da Vida e Ambientais, Universidade de Exeter (Exeter, Reino Unido).
Contato: l.a.dawney@exeter.ac.uk

AÉCIO AMARAL (TRADUTOR)

Mestre em Sociologia, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, João Pessoa.
https://orcid.org/0000-0002-7627-8469
E-mail: amaraecio@gmail.com

NATANAEL DE ALENCAR SANTOS (TRADUTOR)

Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos.
https://orcid.org/0000-0002-8607-5120
E-mail: alencar.sts@gmail.com